

## A vida falsa por trás das redes sociais

### *The fake life behind social media*

**Regina Braghittoni**

#### RESUMO

Do ponto de vista psicossocial, as redes sociais podem ser definidas como “espaços digitais”, permitindo aos usuários gerenciar tanto sua rede de relacionamentos (organização, extensão, exploração e comparação) quanto sua identidade social (descrição e definição). Além disso, a virtualização deste mundo, permitem a criação de redes sociais híbridas, ao mesmo tempo constituídas por conexões virtuais e conexões reais que dão origem à "inter-realidade", um novo espaço social, mais maleável e dinâmico do que as redes sociais anteriores. A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste estudo, foi a revisão de literatura. Assim, a conclusão foi que se as pessoas que utilizam as redes sociais precisa se autoconhecer, é muito fácil criarem uma vida falsa para serem o que querem, deslocando assim o desejo do outro

**Palavras-chave:** Self. Redes Sociais. Identidade.

#### 1 INTRODUÇÃO

Conhecimento é poder. Todos nós reconhecemos esse ditado, mas poucos entendem o papel de empoderamento das mídias sociais. Através das redes sociais, qualquer pessoa on-line é fortalecida por um fluxo irrestrito de informações para adicionar ao seu banco de conhecimento. No mundo de hoje, é inegável que as mídias sociais desempenham um papel importante em impactar nossa cultura, nossa economia e nossa visão geral do mundo. Este mundo virtual, nos leva a um novo fórum onde as pessoas podem trocar ideias, conectar-se, relacionar-se e mobilizar-se por uma causa, procurar aconselhamento e oferecer orientação.

As redes sociais removeram as barreiras da comunicação e criaram um canal de descentralizado da linguagem, abrindo as portas para que todos tenham voz e participem de forma democrática, incluindo pessoas em países repressivos. Este meio social acomoda uma ampla variedade de escritos espontâneos, formais, informais, acadêmicos e não acadêmicos para florescer. Elas permitiram que grupos baseados em interesses comuns, como alunos, professores, cidadãos comuns trabalhem em projetos de grupos colaborativos fora de sua classe, através dos

manifestos digitais, promovendo a criatividade e a colaboração com uma ampla gama de comentadores em várias questões, como educação, economia, política, raça, saúde, relacionamentos ... etc.

Embora tenha trazido muitos benefícios, permitindo-nos conectar facilmente com amigos e familiares em todo o mundo, permitindo-nos quebrar as fronteiras internacionais e as barreiras culturais, as redes sociais têm um preço, estabelecendo um impacto negativo em nossas vidas porque a combinação de isolamento e alcance global erodiu nossa cultura.

O conjunto do meio de comunicação digital está nos roubando a confiança e o conforto que uma vez colocamos uns nos outros, substituindo a comunhão humana, o suporte físico e emocional que atraímos através de uma conexão virtual. Ela nos tira do autocontrole e da capacidade de pensar de forma independente e, em vez disso, nos faz ingênuos se unir a qualquer grupo que publique mensagens perversas que agradam nossos ouvidos e divertem nossos sentidos sem avaliar as consequências do que isso pode acarretar. Ironicamente, a mídia social está realmente nos transformando em uma das gerações mais antissociais.

Preferimos mensagens de texto, digitar nossos sentimentos e sofrimento, conversas telefônicas com familiares, bate-papo on-line às reuniões presenciais substituindo a interação humana, Essas plataformas convenientes como Facebook, Twitter e Instagram faz o papel de pessoas mais próximas dentro de nosso ciclo social. De acordo com Greenfield (2011), a cada passo em frente às mídias sociais tornou tudo mais fácil, evita-se assim o trabalho emocional de estar presente, para transmitir informações podendo haver situações que desagrade o outro; a cada dia que passa, a interação entre a máquina e o homem, soarão mais verdadeiras e mais relevantes ao nosso psicológico.

O objetivo deste artigo é apresentar evidências de várias pesquisas que foram feitas por muitos estudiosos em diferentes ambientes que demonstram claramente a vida falsa por trás das redes sociais. Justificando este estudo, por mostrar a importância de ser uma pessoa bem instruída e decidida no que se refere a demonstração no momento de interação em relação as mídias sociais, é muito fácil se deixar levar pelas aparências perfeitas criadas neste mundo virtual, trazendo uma falsa identidade baseando-se por expectativas. Por este motivo este estudo mostra a significância do bem estar psíquico para que o sujeito torne seu “eu” verdadeiro á mostra, sem que isso cause danos ao contexto psicológico.

O estudo foi elaborado por meio de pesquisa de revisão bibliográfica. Para Marconi e Lakatos (2010), uma revisão de literatura é uma análise crítica de fontes publicadas, ou literatura, sobre um tópico específico.

A busca será realizada em bases de dados seguras como sites acadêmicos, revistas científicas online, periódicos, entre outros. Os critérios de inclusão para o levantamento bibliográfico deste estudo serão texto disponíveis na íntegra de maneira gratuita, nas línguas portuguesa e inglesa e que atendam aos objetivos propostos. Os critérios de exclusão serão estudos que não atendam os objetivos do tema.

## **2 A VIDA FALSA POR TRÁS DAS REDES SOCIAIS**

De acordo com Forbes, Reale Jr., e Ferra Jr. (2006) a vida nos sugere algo mais do que simplesmente reconhecimento. Somos suscetíveis a qualquer situação que nos ataque, e a redes sociais se tornou uma ferramenta que pode acentuar a inquietude e dor do sujeito. Isso se dá devido a uma série de influências a qual recebemos diariamente, uma delas são as imagens projetadas virtualmente e que são bombardeadas diariamente num espaço virtual. Quem não gostaria de ter uma vida saudável, um relacionamento perfeito, viagens para outros países e principalmente um belo corpo cheio de vida e esnobando exuberância ?

A questão é que, segundo Winnicott (1983), o ser humano esconde em sua essência o seu verdadeiro eu, provocando assim, um falso self.

O que seria este falso self ?

Todos nós percebemos o quanto necessitamos da aceitação do outro. Winnicott, médico- pediatra e psicanalista inglês, determina que o sujeito passa por um processo de humanização, recebendo conceitos e identidades que lhes são atribuídos ao longo dos anos.

Quando um bebê nasce, já traz dentro de si uma pulsão agressiva, egoísta e intolerante. Através do seu choro, a mãe busca satisfazê-lo, em seus estágios primários, trazendo em si um sentido de realidade. O bebê passa por um processo de dependência absoluta da mãe, onde é oferecido o seio materno ou a mamadeira, criando assim, um vínculo de dependência de amor, proteção, assiduidade e principalmente a visão simbólica que a criança cria do rosto materno. Este conceito determina o falso self do sujeito, pois insere em sua psique, algo que não é dela, e sim a referência que tem da mãe (BOELLSTORFF, 2012).

Quando podemos encontrar o verdadeiro “self”?

Para Winnicott, o ambiente pode ajudar e ser um espaço facilitador para que a criança se sinta real, dando continuidade a sua existência e tendo uma compreensão da realidade vivida. "O gesto espontâneo é o *self* verdadeiro em ação.

Somente o *self* verdadeiro pode ser criativo e sentir-se real" (WINNICOTT, 1983, p.135)

Para que haja um desenvolvimento preparado e possível para o surgimento do verdadeiro self, é necessário que a criança tenha o contato com experiências vividas com o “ambiente”(mãe, ou seus cuidadores), que seja tocada e envolvida, trazendo assim a fundição da mãe e o bebê. Cria-se então, uma adição de corpos, o qual Safra (2005), define como “corpo psíquico”.

E, esse desenvolvimento, não concerne diferenciação entre mãe e bebê. Para a criança, este corpo torna-se um só. Há desta maneira um importante papel inicial da “mãe suficientemente boa”. Exercendo no bebê condições para seu desenvolvimento mental, dando continuidade para que ele exerça a presença do seu verdadeiro self (FUKS, 2011).

Imagem 1 – Falsa felicidade das redes sociais



De acordo com a imagem 1, entende-se que a pessoa nas redes sociais escolhe qual a “máscara” que deseja usar no dia, o que faz com que nas redes sociais a mesma exponha uma “falsa felicidade, uma vida irreal”.

### 3 O QUE LEVA O SUJEITO A QUERER SER O OUTRO ?

De acordo com a teoria de Winnicott (1983), conseguimos compreender que todo sujeito esconde seu verdadeiro eu. Esse conceito é sugerido, pelo simples fato de que não podemos mostrar nossa verdadeira identidade, isso poderia causar um forte embate com o outro. Mesmo sendo criado e compreendido numa extensão de mundo, onde tudo se é “permitido”, para eu ser aceito, necessito que o outro me veja com “bons olhos”.

Isso ocorre quando o homem, diante de seus conflitos e atitudes expressa uma necessidade de aceitação e subjetivação. Dentro do conceito Psicanalítico, podemos entender que o homem é movido por dois campos que não podem ser separados. O campo do aparelho psíquico e o campo do aparelho pulsional (FREUD, 1977a).

O primeiro campo, do aparelho psíquico, é composto pelo sistemas pré-consciente /consciente e inconsciente, sendo que não podemos segregar aos que trazem no campo “pulsional; como uma força interna que constitui o estado psíquico causando assim um instinto vulnerável as suas ações. (FREUD, 1977b).

Diante deste, conseguimos compreender que o homem em sua constituição psíquica, movida a sua individualidade e de como enxerga o mundo, necessita de ter o reconhecimento e satisfação do “ego”( Inconsciente). Quando eu me perco em mim mesmo, perco dentro de mim “quem eu sou”, trazendo por consequências, imagens projetadas a qual me entendo como o “eu” ideal (FREUD, 1977f).

Funcionamos a base de imagem e inconsciente. É comum vermos na vida do outro algo mais relevante e interessante. Quando estamos presos a resultados e não processos, buscamos de forma rápida a satisfação do “ego” (princípio do prazer-Freud, 1977), porém esquecemos que todo ser humano se sente incompleto em sua parte constituída. Busquemos sempre algo que desejamos, e muitas vezes nem sabemos o que é. O homem contemporâneo, vive uma nova realidade que traz em seu cotidiano. A necessidade de expor sua vida, seu dia a dia, as transformações socioculturais insere essas mudanças de modo que a tecnologia contribua para inserção do imaginário (FREUD, 1977c).

Na década de 80 e 90, podíamos entender como “meu espaço”, uma carta, um diário ou até mesmo ficar trancado em meu quarto com os pensamentos que acometiam o mundo fictício que minha mente produzia (FREUD, 1977d). Atualmente, o indivíduo se vê num espaço físico pequeno, porém público, quando se

projeta diante de uma tela, onde eu necessito mostrar ao mundo o que estou fazendo, ou como eu penso (BIRMAN, 2014).

Para Forbes (2013), essas mudanças produzem no sujeito um fenômeno de projeção. Tanto os que veem, *instagram*, *youtube*, *facebook*, *twitter*, entre outros. Suas vidas se tornam perfeitas e completas, mas ainda apresenta o vazio da alma. A sensação de bem estar psíquico, usada através da imagem da tela do seu celular ou do computador faz com que viva algo que está dentro do seu imaginário.

Segundo Lacan (1988), estamos diante de uma geração que valoriza o outro. Na época atual, valorizamos o outro por meio de suas postagens, seus status exibido no *whatssApp*, mas quando se depara com o “real”, do sujeito, causa um afastamento, repulsa; isso mostra que o nosso “ego” está estruturado apenas para receber o imaginário, somente o que desejamos.

No conceito Psicanalítico, a fantasia compõe uma estrutura psíquica de sobrevivência. Muitas vezes as vidas dessas pessoas são tão enfadonhas que há a necessidade de fuga psicológica, para que o seu “ego” possa ficar estruturado, tamponando a falta dele mesmo (FREUD, 1977e).

Segundo Forbes (2013a), aos poucos as redes sociais tomam forma. O afeto passa a ser falado, o luto passa a ser exposto, a agressividade passa a ser emitida e muitos acabam por se sentirem potentes através de uma tela, pois ali, eu posso tudo. Essa mobilidade adquirida pelas redes sociais, provocou um certo impacto, em algumas questões que a própria sociedade coloca. O exibicionismo exagerado, a falta de seguidores ou até o excesso deles, provocam um impacto na vida do sujeito, podendo desencadear ansiedade crônica, bulimia e anorexia e até mesmo uma depressão profunda, pois o Imaginário se distancia do Real (FLECHA, 2011).

Da mesma forma que as redes sociais tem seus benefícios, há também aqueles que perpetuam os mais monstruosos comentários preconceituosos, que criam perfis falsos com a intenção de investigar a vida alheia (FORTIM, 2013). Dentro deste mundo virtual eu expressei as mais terríveis necessidades do meu verdadeiro ser. É lá que eu mostro todo o meu ódio regado de sentimentos primitivos que está introjetado em mim, na minha estruturação psíquica. Somos apenas fruto dessa construção. Toda Psique “grita” quando entra em contato com a frustração, uma vez que, temos dentro de nós uma criança regada apenas pelo desejo de satisfazê-la, e isso está intrinsecamente ligado ao ego-infantil e não estruturado.

O Ciberespaço dá vazão para que o conceito da “fantasia” ocorra, quando me deparo com imagens que trazem a minha mente situações que me afogam de prazer ou expectativas fracassadas. Dentro do conceito psicanalítico Freudiano, a busca pelo prazer é constante uma vez que meu inconsciente se exala à essa necessidade, porém, essa contemporaneidade pode trazer para o sujeito alguns sentimentos de angústia e desenvolver doenças que expressam as toxicomanias e os distúrbios de imagem, gerando assim a exigência de uma aprovação utópica transmitida pelo irreal, ilusório com desdobramento da pós-modernidade. (BIRMAN, 2001).

## CONCLUSÃO

Apesar do benefício positivo do rápido compartilhamento de informações, as redes sociais permitem que as pessoas criem identidades falsas e conexões superficiais, que causem depressão e sejam uma ferramenta primária de recrutamento de criminosos e terroristas. Finalmente, como as redes sociais são um fenômeno relativamente novo e os estudos de impacto realizados também são razoavelmente novos, e provável que as vantagens das mídias sociais são enfatizadas com bastante frequência, em oposição a seus aspectos negativos, que são muito raramente discutidos.

Essa tendência deve mudar e espero que minha apresentação ajude a galvanizá-la, informando melhor os usuários em ambos os lados do argumento. Embora a mudança seja boa, necessária e inevitável, ela sempre tem um preço. Descontar os impactos positivos não faz mal a longo prazo, quase tanto quanto os negativos. A mídia e seus impactos são constantemente avaliados com o que está acontecendo no mundo.

## REFERÊNCIAS

BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

BIRMAN, J. **O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

BOELLSTORFF, T. **Coming of age in second life**. New Jersey: Princeton University Pressa 2008. Citado no texto de Otero, C. e Fuks, B. A internet e a reinvenção de si. *Polêmica*. v. 11, n. 2, 2012.

FLECHA, R. D. **Modernidade, contemporaneidade e subjetividade**. Sapere Aude, Belo Horizonte: v. 2, n. 3, p. 28-43, 1 sem. 2011.

FORBES, J. **Inconsciente e responsabilidade**: A psicanálise do século XXI. Barueri, SP: Manole, 2013a.

\_\_\_\_\_. **Lacan e a psicanálise do século XXI**. Palestra em 29 jul. 2013b. Disponível em: <vimeo.com > cpfl cultura> Vídeos.

FORBES, J., REALE JR. M. , FERRAZ JR. T. S. (Orgs.). **A invenção do futuro: um debate sobre a pós-modernidade e a hipermodernidade**. Barueri, SP: Manole, 2006.

FORTIM, I. **Aspectos psicológicos do uso patológico de internet**. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

FREUD, S. Além do princípio de prazer (1920). In: \_\_\_\_\_. **Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922)**. Rio de Janeiro: Imago, 1977a. p. 17-89. (Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, 18).

\_\_\_\_\_. Carta 52 (06 dez.1896). In: \_\_\_\_\_. **Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos (1886-1889)**. Rio de Janeiro: Imago, 1977b. p. 317-324. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).

\_\_\_\_\_. O mal-estar na civilização (1930 [1929]). In: \_\_\_\_\_. **O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931)**. Rio de Janeiro: Imago, 1977c. p. 81-171. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).

\_\_\_\_\_. Os instintos e suas vicissitudes (1915). In: \_\_\_\_\_. **A história do movimento psicanalítico: artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)**. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977d. p. 137-167. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

\_\_\_\_\_. Projeto para uma psicologia científica (1950 [1895]). In: \_\_\_\_\_. **Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos (1886-1889)**. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977e. p. 381-393. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).

\_\_\_\_\_. Psicologia de grupo e a análise do ego (1921). In: \_\_\_\_\_. **Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922)**. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977f. p. 91-

184. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

FUKS, B. B. **Duas propostas para a psicanálise contemporânea.** Tempo Psicanalítico, Rio de Janeiro, v. 43, n. 2, dez., 2011.

GREENFIELD, D. As propriedades de dependência do uso de internet. In: \_\_\_\_\_. **Dependência de internet: manual e guia de avaliação e tratamento.** Porto Alegre: Artmed, 2011.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953). In: \_\_\_\_\_. **Escritos.** Tradução de Vera Ribeiro. Revisão técnica de Antonio Quinet e Angelina Harari. Preparação de texto de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 238-324. (Campo Freudiano no Brasil).

MARCONI, M. A.; LAKATOS, . M. **Fundamentos de metodologia científica.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

SAFRA, G. **A face estética do self.** Teoria e Clínica. Aparecida: Ideias & Letras: São Paulo: Unimarco Editora. 2005.

WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional.** Porto Alegre: Artes Médicas. 1983.